

EDITORIAL

A FaE-UFPel completa 30 anos. É momento de alegria, de festa, de rememoração da história, de renovação de compromissos. Enfim, é tempo de celebração.

Compondo este momento de imensa alegria, coube-nos a honra de organizar um número especial de *Cadernos de Educação*, celebrando a trajetória da Faculdade de Educação através de uma reflexão densa e prazerosa sobre a formação de professores. Desejando também homenagear a todos que fizeram e fazem parte desta história de compromisso social com a educação, ouvimos o primeiro diretor da FaE, Prof Teófilo Galvão. No relato deste companheiro de percurso, recordamos uma história “*feita de espinhos e rosas*”, como ele mesmo afirma em documento escrito para este momento celebrativo (2006): “*dizem que, em qualquer empreendimento, os espinhos cabem aos que iniciam e, aos poucos que terminam, cabem as rosas. Como professor e diretor da recém-criada Faculdade de Educação da UFPel, talvez comporte destacar, no ensejo da comemoração dos seus 30 anos, algumas picadas de espinhos que ainda espicacam a memória.*” Tem razão o professor Galvão! Mas talvez ninguém jamais termine a empreitada. A obra da formação humana é sempre inconclusa, sempre surpreendente. E aqui continuamos nós, 30 anos depois dele, em meio às rosas com seus espinhos, sem os quais ela nem rosa seria. E o professor Galvão vai recordando as dificuldades enfrentadas: “*reconhecimento dos cursos: atividade desgastante, sobretudo pela burocracia displicente do Conselho Federal de Educação. Como se fazia moroso o reconhecimento de determinado curso, desloquei-me até Brasília, para acompanhar o processo. Com surpresa verifiquei que tinha sido extraviado. Mais de 2 quilos de papel.*” Nesta conversa franca sobre um passado que não quer silenciar, quantas vezes a história nos remete ao presente! E recontamos a narrativa do professor Galvão: “*por sua missão pedagógica estimuladora de uma consciência crítica, participativa, inserida na vida comunitária, em período político de repressão, a Faculdade era vista como subversiva. A convite da direção, o Reitor participou de reunião com todos os professores. Nessa ocasião, criticou a Faculdade por ter recebido uma pessoa malquista do regime ditatorial vigente. Nenhum professor conhecia o referido visitante...*” E a história da FaE vai sendo reconstituída. Surpresos, descobrimos que não é nova a idéia de que a formação de professores pode muito bem prescindir de uma faculdade de educação. “*... no ato de transmissão de posse do cargo de diretor*

para a professora Consuelo Requião, o Reitor criticou a existência de uma Faculdade para formar professores do (então) curso primário. Sua mãe, disse ele, fora professora sem precisar de curso superior. Recorde-se que essa iniciativa da Faculdade foi pioneira na época.”

Em entrevista (2006), a professora Consuelo Requião também destacou a garra, o trabalho coletivo, a decisão permanente a favor de mudanças. “*Eu comecei a trabalhar como diretora da Faculdade, acho que foi em 1982. Fui nomeada em 25 de julho de 1982 (...) Quando do processo de eleição, a nossa lista, já foi tumultuada. Porque nós fizemos uma lista democraticamente na faculdade, com três nomes para a direção e outros três nomes pra vice. Então, pra decidir, era a Circe, a Clarisse e a Carmem que o Conselho Universitário devia escolher (...) Porque a Circe já tinha sido pró-tempore. Ai chegou o Emilio Araújo, reitor que chegou aqui assim, o salvador da pátria, e aí o primeiro discurso que ele fez foi que nós tínhamos que pensar grande. O pensar grande era pensar como ele pensava.*”. (...) a FaE sempre foi muito crítica, querendo muito se inserir, não é, na questão política, na questão social e tal, então nós tínhamos fama de comunistas. Nossa fama aqui na Faculdade era de comunistas. Pensar diferente da ordem era comunista. E ele era, era um ‘caça às bruxas’, né? (...) Quando o Reitor recebeu a nossa lista pra escolher, ele pensou assim, foi se informar sobre as pessoas, então deixou no ar aquele boato, que estava atrás de informação. E tu sabes que eu sou uma pessoa mais de retaguarda e não de ofensiva. Mas aí, a coisa começou a aquecer, a aquecer, até que ele me chamou. Foi notável! E é uma pena eu não ter gravado a entrevista que eu tive com ele. Aí, ele muito grosseiramente, ele me disse o seguinte: — ‘A Circe eu não escolho porque é comunista, a Clarisse é irmã da Circe e a Carmem é muito amiga dela.’ E eu já tava vendo o problema. Aí, ele falou: — ‘Andei me informando muito sobre a tua pessoa e as informações foram excelentes.’ Eu fiquei tão surpreendida! (risos) — ‘As informações foram excelentes. Nós vamos ... eu queria saber se tu aceitarias ...?’ Bom, eu levei o assunto pra Faculdade. Ficamos numa situação assim, muito difícil, porque se eu não aceitasse ele poderia pôr quem ele quisesse. (...) Na entrevista comigo, ele puxava uma conotação pra me mostrar que o ensino público e gratuito, que era ilegal, que a constituição previa ... E eu disse: — ‘Mas, acho que o senhor vai se arrepender de me colocar, porque é a turma toda lá da educação que tem esse pensamento que o senhor ouviu falar por aí. O senhor vai se arrepender.’ Bom, aí tá. Assumi, então, e no dia da posse foi outra tragédia. Eu fiz um discurso. Tínhamos a idéia de fazer uma administração assim, bem comunitária, bem em conjunto, em que houvesse mesmo a participação, uma troca de lugar, mas o espírito era

o mesmo. Aí, então, eu fiz o discurso. Combinei com o pessoal lá, mostrei o discurso, falei lá pro pessoal como seria e tal. (...) Eu acho que naquela ocasião, entrou muito assim na educação a questão política, né? (...) Antes era só a parte técnica, né? A lógica. Depois passou pra questão humanista, né? Educação libertadora, educação humanista e tal. E depois, nessa minha fase, achando assim que a educação também poderia colaborar na transformação da sociedade. E aí eu acho que isso aí nos envolveu, e querendo mudar a realidade educacional. (...) Eu fico tão decepcionada de ver que aquelas coisas que a gente lutava dia-a-dia pra mudar, as coisas não mudaram. Ou tiveram uma melhora muito pequeninha. Vou dar um exemplo pra vocês: eu sou muito ligada em educação, eu gosto de educação. Principalmente, educação infantil. Que eu comecei a trabalhar, naquela época, era com curso primário, no Município, depois, passei pro curso normal, que também tinha diretamente relação, e depois entrei pra Faculdade, que também tinha a questão econômica, né? Então deixei tudo aquilo. E no final da minha carreira eu me voltei novamente ao trabalho com crianças. E aí, o que eu queria dizer pra vocês é o seguinte: eu tenho tido experiência com crianças de escola pública, que ficam – não são muitas, mas é uma amostra – que ficam um, dois, três anos na primeira série. Um ano, dois anos, três anos na primeira série! Eu me coloco à disposição, daí elas vão e têm aula comigo. Vocês não têm idéia de como mudam!”

Da mesma forma, Cadernos de Educação buscou escrever esta história de 30 anos da FaE, embora breve, acompanhando as bem refletidas recordações do Professor Osmar Miguel Schaefer. Professor Osmar, Diretor da FaE nos anos 1985-1989, lembra a sempre “*forte presença da Faculdade no mundo da UFPel e da educação da Região*”. Segundo o ex-Diretor, a FaE, com sua sempre bem definida decisão política de atuar com qualidade na educação da Região do Estado do RS, constituía-se de um grupo de professores que, embora as diferenças, atuava de maneira coesa a favor dos projetos que decidia implementar: “*o quadro de professores da FaE, embora as diferenças, sempre esteve atento não apenas à qualidade da educação que buscava implementar, mas, da mesma forma, à importância política que seu trabalho representava.*” Perspectivas filosóficas e teorias pedagógicas diversas, centralmente sustentadoras da *pedagogia da libertação*, marcaram o trabalho da FaE. Segundo o Professor Osmar, “*o embasamento filosófico humanista-cristão, que sustentava, por exemplo, o farto trabalho com Paulo Freire, marcava a FaE como Instituição e, da mesma forma, seu quadro docente.*”

Nos breves fragmentos de entrevistas dos professores Teófilo Galvão, Consuelo Requião e Osmar Miguel Schaefer, *Cadernos de Educação* presta sua homenagem de reconhecimento a todos professores, servidores técnico-administrativos e alunos que foram e são parceiros desta jornada da Faculdade de Educação da UFPeI, a nossa FaE.

Na qualidade de organizadores deste número especial de *Cadernos de Educação*, buscamos trazer a nossos leitores um conjunto de reflexões sobre a formação docente, a partir de duas perspectivas. Por um lado, publicamos artigos que visam avançar no campo das contribuições teóricas para a área; por outro, textos que resgatam a história passada e discutem o presente da FaE-UFPeI.

O primeiro texto é de Antonio Nóvoa, pesquisador português que muito tem contribuído, no cenário brasileiro. Em *La pédagogie, les enseignants et la recherche: réflexions en chantier*, fala de processos que se desenvolvem em paralelo e que se influenciam mutuamente, construindo um campo social e uma justificação conceitual que autoriza a propagação de uma razão educacional. Com o texto de Antonio Nóvoa, *Cadernos de Educação* faz sua primeira experiência de publicação em outro idioma além do português e do espanhol. Dando prosseguimento a nossa política de um periódico que busca sempre mais ser um espaço aberto de discussão das mais variadas contribuições nacionais e internacionais do campo educativo, pensamos que já é hora de dar mais um passo nesta direção. A reação dos leitores será uma importante sinalização quanto ao rumo que deveremos seguir no futuro próximo. Ainda com relação a este texto, importa um esclarecimento. Por se tratar de um texto longo e obedecendo a necessidades editoriais, tomamos a liberdade de dividi-lo em três partes. Assim, neste número, publicamos a Parte I – *La raison et la responsabilité: une science du «gouvernement des âmes» (1880-1920)*. Nas edições seguintes serão publicadas a Parte II – *Les enseignants et le «nouvel» espace public de l'éducation* e a Parte III – *Commentaires sur la place et l'état de la recherche en éducation*.

O segundo texto comemorativo aos trinta anos da FaE é de Antonio Joaquim Severino, membro do Conselho Editorial de *Cadernos de Educação*. O texto desenvolve uma reflexão sobre os pressupostos da formação e da atuação prática do professor, ressaltando a importância neste processo dos subsídios fornecidos pela filosofia.

A seguir, assinado pela professora Maria Isabel da Cunha, a Mabel, professora e pesquisadora por longos anos na FaE, o artigo *A formação de professores como problema: natureza, temporalidade e cultura*, analisa a contemporaneidade da discussão em torno da formação de professores. Recorre ao recurso da memória de uma geração de

formadores de professores que viveu nesse meio século e que toma as narrativas e experiências construídas a partir desse referencial como eixo da análise temática.

O trabalho seguinte é de autoria conjunta das cinco pesquisadoras da Linha “Formação de Professores”, do PPGE-FaE-UFPEL. Trata-se de um texto em que as autoras, partindo de interlocução com a professora Maria Isabel da Cunha, têm como propósito trazer à luz alguns elementos fundantes da instalação da Faculdade de Educação, como responsável pela formação docente na Universidade Federal de Pelotas.

Na seção *Memórias*, Elomar Tambara apresenta uma reflexão a partir de transformações que balizaram o formato que a Faculdade de Educação passou a apresentar nos últimos anos. Esta nova fisionomia permanece marcada pela história desta instituição desde a sua criação, há 30 anos. Neste sentido, o autor destaca o compromisso com uma sociedade mais justa e fraterna, o compromisso social com a educação, o trabalho de qualidade desenvolvido nas licenciaturas, a vinculação com as redes de ensino, a estruturação de um curso de pedagogia consentâneo com as demandas e exigências da sociedade e, sobretudo, o entendimento de que a educação é um ato político.

Temos a expectativa de que a homenagem prestada por *Cadernos de Educação* possa constituir-se em mais uma das inúmeras ocasiões que temos tido para mais uma vez – e constantemente – reavaliar nossas opções teórico-práticas.

Ainda neste número, proporcionamos a nossos leitores um conjunto de textos de renomados autores brasileiros e estrangeiros que, certamente, dão continuidade ao percurso que *Cadernos de Educação* vem fazendo como veículo de aprofundados debates no campo da educação. Deste modo, agradecemos profundamente as contribuições de Bernd Fichtner (Univ. de Siegen, Alemanha), Jaqueline Zapata (Univ. Aut. de Querátaro, México), Sírio Lopez Velasco (FURG), Rosa Maria Martini (UFRGS / UNISC), Kátia Regina de Souza Lima (UFF), Andrea Vieira Braga (UFPEL), Cynthia Farina (CEFET-RS), Maria José Dozza Subtil (UEPG) e Jefferson Caponero (UNIVERSO).

À FaE, nos seus trinta anos, e a todos que se assumem educadores, queremos prestar nossa homenagem pela voz de Ernst Bloch.

*No mundo muita coisa ainda está inconclusa.
Todavia, nada circularia interiormente se o exterior fosse totalmente
estranque.
Do lado de fora, porém, a vida é tão inconclusa como no eu que opera
nesse lado de fora.*

Nenhum objeto poderia ser reelaborado conforme o desejo se o mundo estivesse encerrado, repleto de fatos fixos ou até consumados. No lugar deles, há apenas processos, ou seja, relações dinâmicas, nas quais o existente dado ainda não é completamente vitorioso. O real é processo e processo é a mediação vastamente ramificada entre o presente, o passado pendente e sobretudo o futuro possível.

Avelino da Rosa Oliveira
Eliane Teresinha Peres
Gomercindo Ghiggi
Organizadores